

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal da Tarde Class.: Política Indigenista
Data: 29/03/93 Pg.: 12 Oficial/Funai
1481

Por falta de pagamento,
a Funai vai perder o imóvel
onde ficam os índios
que procuram tratamento médico.

Índios vão perder sua casa em São Paulo

DESPEJO DE 25 HÓSPEDES

Kromare, um índio Caiapó, da tribo Mentukture, anda em São Paulo com sua borduna em punho, por medo dos ladrões. A borduna está marcada por fogo, o que lhe dá status de arma de guerra. No entanto, Kromare nada poderá fazer quando um oficial de Justiça chegar à Casa do Índio, mantida pela Funai na Vila Mariana, com uma ação de despejo. Isso vai ocorrer no dia 20 de abril próximo — um depois do Dia do Índio.

A Casa, na rua Manoel de Moraes, 313, deve Cr\$ 160 milhões por um ano de aluguéis atrasados. Ela hospeda índios de todo o País, que buscam tratamento especializado em São Paulo. O Hospital São Paulo, da Escola Paulista de Medicina, atende a maior parte desses casos. São doenças como câncer ou blastomicose, uma degeneração progressiva do cérebro ou do pulmão, provocada pela aspiração de fungos na floresta.

Mas os futuros despejados têm planos. Candidataram-se a ocupar uma casa da Prefeitura, na mesma região: rua Thomaz Carvalhal, 62, no Paraíso. O problema, diz Sônia Zanelato, assistente social da Funai, é que há dois outros interessados na casa: uma entidade israelita e a



Casa do Índio: despejo.

Igreja Santa Generosa. A decisão, diz ela, está nas mãos do secretário Antonio Salim Curiati, do Bem Estar Social.

No momento há na Casa do Índio 25 hóspedes, entre pataxós (Bahia), xavantes (Mato Grosso), caiapós (Xingu), waiápis (Amapá) e guaranis (São Paulo). A casa comporta, em princípio, apenas doze pessoas. Muitas dormem em colchões, no chão, sem reclamar.

Kromare, o caiapó, está lá pela quinta vez. Tem um problema de coração e vem a São Paulo para tratamento. Os sintomas, segundo ele: "Coração bate e pára um pouquinho. Fico com medo". Não sabe que idade tem: "Depois dos sessenta não contei mais". Não acha São Paulo um bom lugar: "Tem ladrão, é perigoso. Muito carro". Kromare não sai sem a bordu-

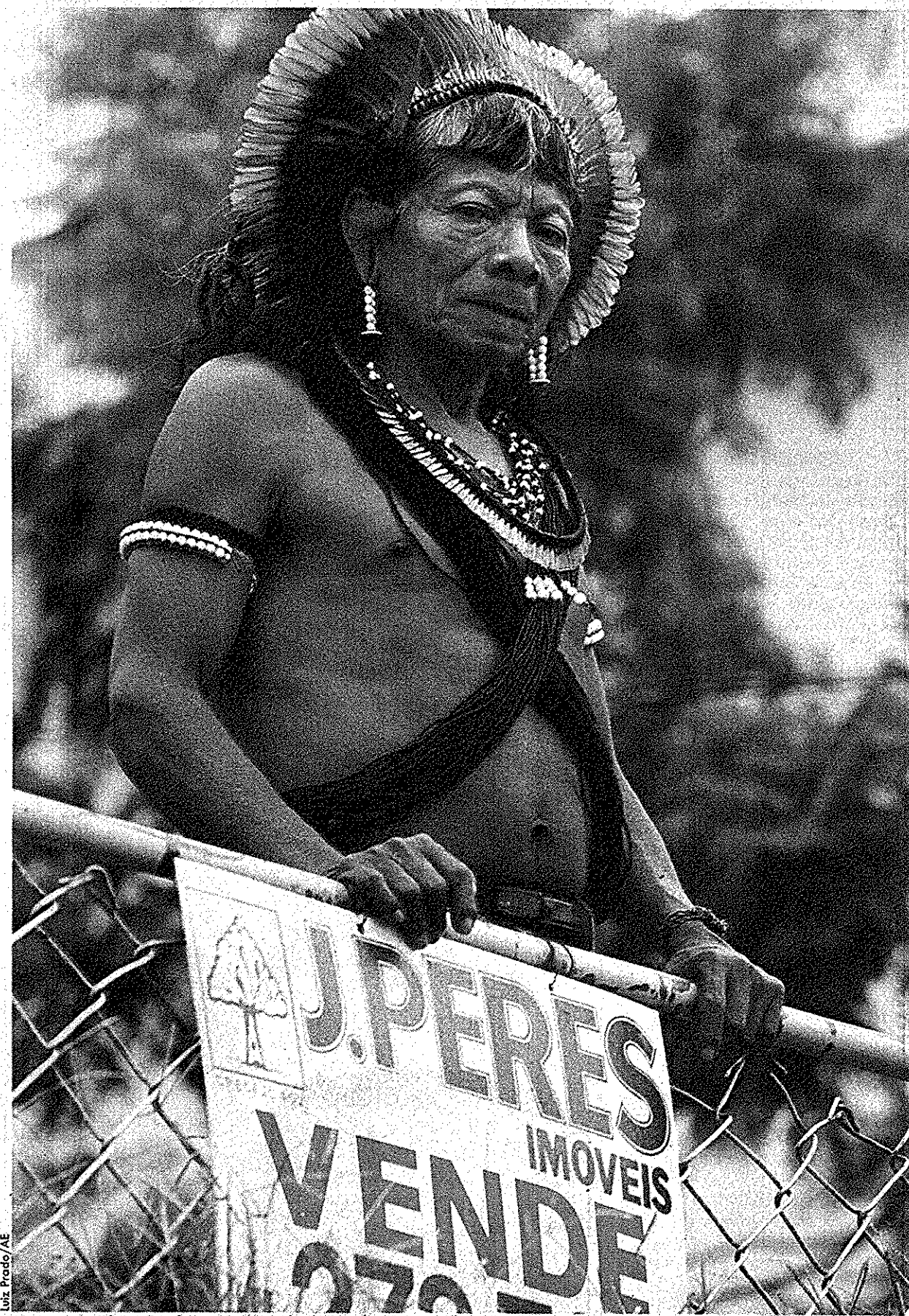
na. "Se ladrão vem eu mato ele. Depois vem polícia, eu digo tudo, que ele me pegou primeiro".

Na Casa do Índio há também pessoas como um guarani de cinco anos, com desnutrição grave e problemas respiratórios. A mãe o trouxe de Itariri, no litoral sul de São Paulo (há 14 aldeias indígenas no Estado). De Pau Brasil, Bahia, vieram duas meninas Pataxós com

uma deformidade congênita nas pernas. Elas já sofreram uma operação, agora farão outra. O xavante Tobias Abhoodi, coordenador de escola em Barra do Garças, Mato Grosso, tem um caroço e uma dor no peito. Não sabe o que é. E o pataxó Paulo, 20 anos, de Barra Velha, Sul da Bahia, caiu de um coqueiro "do tamanho desse poste de luz". Está com sérios problemas.

Estes índios estão apreensivos com o despejo. Ao passo que Orlando Villas Boas, assessor da presidência da Funai, está indignado com a indefinição da Prefeitura quanto à casa da rua Thomaz Carvalhal. "Os lugares que são e foram sede da Prefeitura, como o Ibirapuera e o Parque D. Pedro, eram aldeias indígenas há 400 anos. Agora a Prefeitura reluta em dar a casa..."

Valdir Sanches



Kromare: "São Paulo tem muito ladrão, é perigoso".